UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Beatriz Fonseca Santini

A linha delas

A participação das mulheres na indústria de Joinville

RELATÓRIO TÉCNICO
do*Trabalho de Conclusão de Curso* apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais*,ministrada pelo Prof. Fernando Crocomo no primeiro semestre de 2016

Orientador: Prof. Jorge Ijuim

Florianópolis
Julho de 2016.

FICHA DO TCC	**Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO UFSC**		
ANO	2016.1		
ALUNO	Beatriz Fonseca Santini		
TÍTULO	A linha delas		
ORIENTADOR	Jorge Kanehide Ijuim		
MÍDIA	X	Impresso	
		Rádio	
		TV/Vídeo	
		Foto	
		Web site	
		Multimídia	
CATEGORIA		Pesquisa Científica	
		Produto Comunicacional	
		Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
		Produto Jornalístico (inteiro)	**Local da apuração:**
	X	Reportagem livro-reportagem ( )	( ) Florianópolis ( ) Brasil (X) Santa Catarina ( ) Internacional ( ) Região Sul País:
ÁREAS	Indústria, gênero, mulheres, Joinville.		
RESUMO	Este trabalho de conclusão de curso é uma série de reportagens em texto sobre a jornada das mulheres nas indústrias de Joinville. A desigualdade de gênero faz parte da vida na sociedade brasileira. Nas últimas décadas do século XX, a participação das mulheres no mercado de trabalho formal aumentou (de 1976 a 2000, subiu de 29% para 40%). No entanto, essa participação na área industrial ainda é menor (36,4% em 2009) que a dos homens e com muito mais dificuldades. Joinville é a cidade mais industrializada de Santa Catarina e, por isso, foi escolhida para ser abordada nessas reportagens. Diante dessa realidade, levanta-se a questão: Como é para as mulheres trabalhar na indústria de Joinville? A reportagem: (1) Identifica a participação das mulheres nas indústrias de Joinville; (2) Problematiza as questões de gênero no dia a dia de trabalho e na convivência entre os funcionários homens e mulheres; (3) Conta histórias de vida de mulheres que trabalham na indústria de Joinville, tanto operárias quanto executivas. A apuração foi feita por meio de entrevistas presenciais, que são a base da linha narrativa.		

Sumário

1 RESUMO 4
2 CONTEXTO 5
3 JUSTIFICATIVAS: tema e mídia impressa 10
3.1 Tema 10
3.2 Mídia impressa 12
4 PROCESSO DE PRODUÇÃO 14
4.1 Pesquisa e pré-produção 14
4.2 Apuração da reportagem 15
4.3 Entrevistas para os perfis 22
4.4 Produção dos textos 25
4.5 Diagramação e edição 26
5 IMPRESSÃO 28
6 DIFICULDADES E APRENDIZADOS 28
7 REFERÊNCIAS 30
8 BIBLIOGRAFIA 32

1 RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso é uma série de reportagens em texto sobre a jornada das mulheres nas indústrias de Joinville. A desigualdade de gênero faz parte da vida na sociedade brasileira. Nas últimas décadas do século XX, a participação das mulheres no mercado de trabalho formal aumentou (de 1976 a 2000, subiu de 29% para 40%). No entanto, essa participação na área industrial ainda é menor (36,4% em 2009) que a dos homens e com muito mais dificuldades. Joinville é a cidade mais industrializada de Santa Catarina e, por isso, foi escolhida para ser abordada nessa reportagem. Diante dessa realidade, levanta-se a questão: Como é para as mulheres trabalhar na indústria de Joinville? A reportagem: (1) Identifica a participação das mulheres nas indústrias de Joinville; (2) Problematiza as questões de gênero no dia a dia de trabalho e na convivência entre os funcionários homens e mulheres; (3) Conta histórias de vida de mulheres que trabalham na indústria de Joinville, tanto operárias, quanto executivas. A apuração foi feita por meio de entrevistas presenciais, que são a base da linha narrativa.

Palavras-chave: Jornalismo; Reportagem; Desigualdade de gênero; Relações de trabalho; Indústrias de Joinville.

2 CONTEXTO

A participação das mulheres em todos os espaços da sociedade é orientada por parâmetros culturais e sociais que envolvem desigualdade de gênero, machismo e preconceito. Não fugindo dessa regra, está a participação da mulher na área industrial, local que, por tradição, é dos homens.

Uma divisão de trabalho estabeleceu-se entre homens e mulheres, na história da sociedade moderna, que acabou privilegiando o gênero masculino para o setor produtivo, deixando as mulheres limitadas a funções secundárias, como as atividades domésticas (STEIN, 2004). Por isso, a indústria é um ambiente tradicionalmente atribuído aos homens.

As mulheres começaram a conquistar seus lugares no mercado de trabalho no século XX, quando deixam de exercer apenas as tarefas da casa, devido à necessidade de contribuir na renda familiar. Assim, se infiltraram em um ambiente que até então era extremamente masculino.

Para Araújo (2004), as I e II Guerras Mundiais foram grandes influenciadoras da entrada da mulher no mercado. Nessa época, os homens foram para os campos de batalha e as mulheres passaram a assumir as posições que os homens ocupavam. Após o término da guerra, muitos homens haviam morrido. Foi nesse momento que as mulheres foram obrigadas a conciliar o trabalho dentro e fora de casa para assumir os afazeres que antes eram realizados pelos seus maridos.

As mulheres passaram a ser vistas como mão de obra em potencial, tanto para trabalharem nas terras como operárias nas fábricas. No entanto, vale ressaltar que “esta incorporação definitiva para as mulheres no processo produtivo não significou uma igualdade nas relações entre homens e mulheres” (MÉNDEZ, 2005, p.58).

No Brasil, esse aumento da inserção das mulheres na força de trabalho ocorreu de forma desigual, reproduzindo por lá as desigualdades de gênero existentes em toda sociedade. Apesar dos avanços na qualidade da participação feminina, existe discriminação entre o gênero nas relações laborais (MARQUES *et. al.*, 2005).

Bruschini (2007) também relata essa diferenciação de homens e mulheres.“Ressalte-se, entretanto, que a inserção das mulheres no mercado de trabalho brasileiro tem sido caracterizada através do tempo pela precariedade, que tem atingido uma importante parcela de trabalhadoras” (BRUSCHINI, 2007, p.561).

Para a compreensão desse relatório e da reportagem que é seu produto, precisa-se deixar definido o conceito de gênero. Entende-se por “gênero” as representações da identidade feminina e da identidade masculina que são reproduzidas social e culturalmente. É atribuído ao gênero feminino a função de cuidar do mundo privado e da esfera doméstica, o que possui um valor social inferior as atribuições do mundo “público”, que são do gênero masculino (ABRAMO, 2007).

> Isso, para as mulheres, não significa apenas uma limitação de tempo e recursos para investir em sua formação profissional e trabalho remunerado, como também está fortemente relacionado à subvaloração (econômica e social) do trabalho da mulher e seu papel na sociedade. As imagens de gênero sobre os homens e as mulheres no trabalho são elementos fundamentais, portanto, no processo de reprodução das desigualdades que continuam sendo observadas e vivenciadas pelas mulheres trabalhadoras. (ABRAMO, 2007, p.10).

É preciso salientar que, nas últimas décadas do século XX, no Brasil, a inserção da mulher no campo de trabalho formal, com carteira assinada, cresceu e estabilizou-se. De 1976 a 2000, subiu de 29% para 40%.

“A incorporação de mulheres ao mercado de trabalho metropolitano, intensa entre o final da década de 1990 e meados dos anos 2000, tem, desde então, experimentado tendência de desaceleração” (DIEESE, 2013, p.3). No entanto, devido ao preconceito, essa participação ainda é menor do que a dos homens – e com muito mais dificuldades.

Em 2009, comparando a média anual dos rendimentos dos homens e das mulheres, verificou-se que, em média, as mulheres ganham em torno de 72,3% do rendimento dos homens. O salário das mulheres ainda é de 25% a 30% menor e suas condições de trabalho são mais precárias: 90% dos empregos domésticos remunerados são ocupados por mulheres. No mercado informal elas também são maioria: 61% (DIEESE, 2013).

Em estudo realizado pelo IBGE (2008), entre os anos 1998 e 2007, constatou-se que ⅓ das mulheres trabalham com prestação de serviços. As únicas ocupações em que as mulheres são maioria são os serviços domésticos e os cargos de administração pública. Vale ressaltar que, em 2009, apenas 36,4% dos cargos da indústria eram ocupados por mulheres (DIEESE, 2013).

O menor rendimento das mulheres no mercado de trabalho atual choca-se com outras duas situações: atualmente, no Brasil, as mulheres são responsáveis pelo sustento de 37% das famílias (analisando somente as áreas urbanas esse número sobre para 39%) e o nível educacional das mulheres é maior do que o dos homens na faixa etária de 25 anos ou mais (12,5% das mulheres completaram a graduação contra 9,9% dos homens) (DIEESE, 2013).

A discriminação e preconceito no ambiente laboral são rotineiros. A capacidade e habilidade da mulher são, frequentemente, colocadas sob suspeita. Em reuniões, elas possuem menos tempo de fala, são menos ouvidas e mais vezes interrompidas. Sua feminilidade também é vista como

um aspecto negativo, o que acarreta na masculinização da mulher em busca de aceitação do mercado. Ou seja, muitas vezes a mulher assume comportamentos e características tradicionalmente atribuídas aos homens para ser mais respeitada.

Essa diferenciação acarreta também em um menor número de mulheres nos cargos mais altos das empresas. Apenas 4% dos principais executivos das 250 maiores empresas brasileiras são do sexo feminino. As mulheres estão sub-representadas em posições de gerência executiva (apenas 14% desses cargos são ocupados por mulheres), pré-requisito para promoções em níveis hierárquicos mais altos. Entre essas empresas, encontram-se somente nove CEOs[1] do sexo feminino (BAIN & COMPANY, 2013).

Em 2013, a empresa global de consultoria de negócios, Bain&Company, realizou uma pesquisa com empresários brasileiros para entender melhor por que a representatividade das mulheres em altos cargos de liderança é tão baixa. Um total de 514 pessoas respondeu à pesquisa, com igual representatividade de mulheres e homens, e 42% dos entrevistados ocupavam posições de gerência sênior ou executiva.

> A pesquisa revelou três pontos-chave que, [segundo os participantes,] impedem as mulheres de atingirem posições de liderança:
> 1. Além dos já conhecidos desafios associados à percepção de prioridades conflitantes entre trabalho e vida pessoal, o estilo das mulheres é diferente dos homens e menos valorizado no mercado de trabalho;
> 2. Homens e mulheres reconhecem que têm estilos diferentes, mas homens veem menos obstáculos dessa diferença às chances de promoção das mulheres;

[1]CEO é a sigla inglesa de Chief Executive Officer, que significa Diretor Executivo em Português. CEO é a pessoa com maior autoridade na hierarquia operacional de uma organização.

> 3. As empresas tendem a valorizar mais atributos tipicamente reconhecidos como masculinos (solucionar problemas, influenciar) do que aqueles mais identificados como femininos (apoiar e aconselhar) (BAIN & COMPANY, 2013)[2].

O parque industrial catarinense é referência em todo país e Santa Catarina é o terceiro estado mais desenvolvido do Brasil, segundo o Índice Firjam de Desenvolvimento Econômico (IFDM), que avalia o desenvolvimento da saúde, emprego e educação – perdendo apenas para São Paulo e Paraná. Por isso, a cada ano cresce o interesse das empresas pelo investimento nesta região (PERINI BUSINESS PARK, 2014).

Dentre as 295 cidades catarinenses, 26 apresentam alto índice de desenvolvimento pelo critério do IFDM. Além disso, cinco delas fazem parte dos 100 municípios mais desenvolvidos de todo o país. São elas: Blumenau, Brusque, Chapecó, Florianópolis e Joinville. (PERINI BUSINESS PARK, 2014)

Do estado, Joinville é uma das cidades que possui maior tradição industrial e é considerado o mais importante polo econômico, tecnológico e industrial. Localizada no nordeste de Santa Catarina, região que tem economia pautada pelas indústrias de plástico, máquinas e equipamentos, materiais elétricos, metalurgia, veículos automotores e autopeças, possui o maior parque fabril do estado, com 1,8 mil indústrias (PERINI BUSINESS PARK, 2014).

A Fundição Tupy, Dohler, Whirlpool e Grupo Tigre são algumas das empresas que nasceram na cidade e hoje contribuem para o seu alto nível de industrialização. As atividades econômicas das indústrias asseguraram o segundo maior PIB do estado, de R$ 18,5 bilhões.

[2] Documento eletrônico não paginado.

Segundo o Censo de 2013, Joinville possui cerca de 546 mil habitantes e 50,36% destes são mulheres. Em 2012, aproximadamente 38% da população econômica ativa da cidade estava trabalhando no segundo setor, que corresponde a indústria e construção civil (PERINI BUSINESS PARK, 2014).

Em Joinville, a inserção da mulher no mercado industrial acontece de maneira muito semelhante ao resto do país, com as mesmas discrepâncias em relação ao rendimento e ascensão masculina e com as mesmas dificuldades.

Sua participação nem sempre é pacífica. Casos de assédio moral e sexual estão presentes nesse cenário, tanto para as trabalhadoras operárias, quanto para as executivas.

Considerando os aspectos apresentados, esta série de reportagens se propõe a apresentar a participação da mulher nas indústrias de Joinville, problematizando as diferenças de gênero através de uma análise da sua inserção e de histórias de vida de mulheres operárias e executivas da cidade.

3 JUSTIFICATIVAS: tema e mídia impressa

3.1 Tema

Com o contexto apresentado, fica evidente que precisamos pesquisar, debater e problematizar as questões de gênero que envolvem a participação da mulher no mercado de trabalho e, mais especificamente, na área industrial.

Apesar de ter nascido em São Paulo, Joinville é a cidade que vivi a maior parte da minha vida. Para mim, nada foi mais natural do que, agora, retribuir à cidade através de um TCC com conteúdo sobre ela.

Como mulher, as questões de gênero sempre estiveram presentes no meu cotidiano e sempre me interessei muito pelo assunto. Com a criação do Coletivo Jornalismo sem Machismo, das alunas do Curso de Jornalismo da UFSC, pude me aproximar ainda mais do tema e aprender mais sobre.

A escolha do assunto para esse trabalho foi baseada na união entre as questões de gênero à cidade que eu gostaria que fosse o meu objeto de estudo. Acredito que, apesar de parecer – para alguns – questões ultrapassadas, os problemas de gênero e o machismo continuam muito atuais e merecem ser discutidos e estudados.

Tanto é que, em 2015, a Cúpula das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, estabeleceu como um dos "17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)" a Igualdade de Gênero (objetivo nº5). Esses objetivos orientam as políticas nacionais e as atividades de cooperação internacional dos próximos quinze anos (ITAMARATY, 2015).

Além de ser um problema global, é também muito presente no Brasil. O caderno Mercado, da Folha de São Paulo (2015), veiculou ano passado projeções sobre a participação da mulher no mercado de trabalho brasileiro. Segundo os estudos, se fosse mantido o ritmo de desigualdade entre os sexos, as mulheres passariam a ganhar o mesmo que os homens somente em 2085.

A projeção mostra que:

> "a discriminação de gênero é um fator determinante para as possibilidades de acesso, permanência e condições de trabalho. A necessidade de transformar as condições nas quais elas se inserem e estão inseridas, constitui-se em um desafio relevante para a construção de novas relações sociais." (DIEESE,2013 p.1)

Assim como Montipó e Farah (2009, p.1), acredito na força da função social do jornalismo e na sua capacidade de "dar à comunidade os meios para a transformação positiva de suas realidades". Portanto, creio que expor os fatos, apurados nessa reportagem, contribui na luta pela igualdade, incentivando as mulheres a cobrarem salários justos e respeito no ambiente de trabalho e forçando as empresas a enxergá-las em seu verdadeiro potencial.

3.2 Mídia impressa

Acredito que a minha pauta valoriza muito o olhar da fonte sobre a sua própria realidade. Por isso, para dar força às histórias de todas as trabalhadoras, escolhi contá-las através de reportagens em texto. É em forma de texto que também me sinto mais a vontade para trabalhar, pois foi a área do jornalismo com que mais tive contato durante a graduação, tanto em atividades como em estágios.

Além disso, a reportagem em texto tem a característica de se tornar um registro e, como Eliane Brum, "eu acredito na reportagem como documento da história contemporânea, como vida contada, como testemunho" (BRUM, Eliane, 2013). Assim, consigo apresentar a sociedade como é a participação das mulheres na indústria de Joinville até hoje, 2016, e que poderá ser lido no futuro, a título de curiosidade, pesquisa ou comparação.

Pretendi alcançar o que Joseph Mitchell chamava de "observação reveladora" de cada umas das fontes, sobre a sua própria inserção como mulher no mercado industrial. Essa "observação reveladora" é uma conclusão inédita que a fonte chega sobre a situação no momento em que conversa com seu entrevistador. João Moreira Salles (2003, p.152) também

definiu esse tipo de observação como “uma palavra nova e inviolada, trazida à tona pela feliz empatia entre quem fala e quem escuta”.

Essas conversas resultaram em oito histórias de vida, contadas na reportagem em forma de perfil. Decidi contar essas trajetórias dessa forma, pois acredito que o perfil é um gênero do jornalismo que aproxima bastante o leitor e o personagem principal. Isso foi feito através de conversas informais com as fontes, entrevistas, conversas com seus colegas de trabalhos e observação da sua postura no ambiente de trabalho e fora dele.

Vale ressaltar que, como explica Sérgio Vilas Boas, os perfis não são biografias. “Enquanto um biógrafo se detém em um extenso conjunto de *inputs*, o autor de um perfil se concentra em apenas alguns aspectos do personagem central” (VILAS BOAS, Sérgio. 2008). Nos perfis dessa reportagem, procurei enfatizar as trajetórias profissionais, os desafios das relações laborais e as dificuldades e preconceitos de gênero vividos.

Escolhi também desenvolver duas reportagens interpretativas, levando em consideração a “contextualização histórica, o entorno do fato, os detalhes do acontecido ou declarado, para ir além do meramente declaratório” (CAMPOS, 2009).

Dessa forma, com o conjunto final de reportagens interpretativas e oito perfis em mídia impressa, acredito que consegui apresentar ao leitor um panorama mais aprofundado da participação da mulher na indústria de Joinville, indo além das informações numéricas e dados estatísticos.

4 PROCESSO DE PRODUÇÃO

4.1 Pesquisa e pré-produção

Meu trabalho de pesquisa sobre o assunto da reportagem começou logo após a definição do tema, no segundo semestre de 2015, quando cursava a disciplina de Técnicas de Projeto.

O primeiro passo foi verificar a existência de pesquisas e levantamentos de dados sobre a participação das mulheres no mercado de trabalho do Brasil e mais especificamente nas indústrias. Encontrei informações bem importantes através do IBGE, Dieese e Fundação Carlos Chagas, que me ajudaram a começar a compreender a situação.

Após, analisei de que maneira essas informações são divulgadas na imprensa brasileira. Percebi que há, sim, uma exposição desses fatos, mas, na maioria das vezes, não existe uma interpretação maior sobre o assunto. Explica-se os fatores econômicos, expõe-se dados e índices numéricos, mas não há na mídia uma intenção de se explicar o porquê disso, como acontece e como pode ser mudado.

Depois de perceber esse comportamento dos veículos de comunicação, defini que a minha reportagem teria uma abordagem social e humanizada.

Jorge Ijuim define o jornalismo humanizado como aquele que coloca o ser humano no centro da atenção, sendo o ponto de partida e de chegada. Isso se estende desde a elaboração da pauta, passa pelo trabalho de apuração e vai até a construção da narrativa. Em uma reportagem desse tipo, o repórter:

> "esvazia-se de preconceitos de modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir. Munido de uma racionalidade criativa e da emoção solidária, assume a postura de curiosidade e descoberta, de

> humildade para sentir as dores do mundo, de empatia, de solidariedade às dores universais.” (IJUIM, Jorge. 2014)

Queria que a minha reportagem oferecesse ao leitor um entendimento das razões históricas da desigualdade de gênero no mercado de trabalho, explicasse quais são os mecanismos dessa discriminação e mostrasse a real situação das trabalhadoras da indústria de Joinville. Por isso, optei por ouvir, mais do que os especialistas, as próprias mulheres trabalhadoras. Acredito que não há ninguém melhor do que elas próprias para contar como é o dia adia de trabalho da mulher na indústria da cidade.

Conversando com o meu orientador, decidimos que seria interessante fazer uma série de reportagens que pudesse ser publicada como uma edição especial de revista ou como uma sequência de reportagens em jornal. A idéia foi começar com uma introdução e apresentação do tema, seguido de uma reportagem interpretativa sobre o histórico da introdução da mulher no mercado de trabalho e as desigualdades que ainda perpetuam-se. Uma segunda reportagem interpretativa sobre a industrialização de Joinville, características da inserção da mulher nas indústrias da cidade, índices de participação e as situações de assédio. Por fim, como terceira parte, oito histórias de trabalhadoras da cidade, contadas em forma de perfil.

4.2 Apuração da reportagem

Para a execução das duas reportagens interpretativas, fiz várias entrevistas com pesquisadores sobre gênero e mercado de trabalho. Esses especialistas foram escolhidos a partir da leitura de artigos, pesquisas e teses acadêmicas e também através pesquisas de órgãos públicos.

Essa apuração foi fundamental para estabelecer o contexto da minha pauta. Medina e Leandro (1973) explicam que não cabe ao jornalista apenas informar, é preciso contextualizar, pois é a partir disso que é possível começar a interpretação.

> Na passagem de um jornalismo puramente informativo para um jornalismo interpretativo, as linhas de espaço e tempo se enriquecem: enquanto a notícia registra o aqui, o já, o acontecer, a reportagem interpretativa determina um sentido desse aqui num círculo mais amplo, reconstitui o já no antes e no depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal e menos presente. (MEDINA; LEANDRO, 1973, p.7).

Uma dessas pesquisas que tive acesso, e ajudou muito no meu entendimento sobre o assunto, foi o estudo "Mulheres e Trabalho: breve análise do período de 2004 a 2014", feito pelo Ipea (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas). Consegui entrar em contato com uma das autoras do material, a pesquisadora Luana Simões, que me cedeu uma entrevista sobre o tema por telefone. Na nossa conversa, abordei o contexto da inserção da mulher no mercado de trabalho no Brasil, as causas dos preconceitos e diferenças de gênero. Foi uma entrevista muito proveitosa e que me rendeu uma boa fundamentação sobre o assunto.

Como tive a intenção de fazer uma reportagem com um viés interpretativo das situações, agendei uma entrevista com o diretor geral do Dieese (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos), Clemente Ganz Lúcio, para ter uma explicação e interpretação dos dados apurados pela instituição. Clemente Ganz me atendeu por telefone, muito solícito, e fez declarações importantíssimas para a reportagem sobre a visão dos empresários brasileiros e as condições e diferenças das mulheres, que causam as desigualdades. Também foi uma

entrevista que rendeu bastante, pois ele foi bem honesto, didático e fez apontamentos fortes.

Para entender melhor o mercado das indústrias de Joinville, considerei interessante conversar com a psicóloga de seleção de pessoal da RH Brasil, a maior empresa de recrutamento e seleção para vagas de Joinville, que é responsável pelas contratações das fábricas da Whirlpool, Embraco, Tupy, Tigre, Docol, Schulz, Wetzel e outras. A entrevista foi feita com a psicóloga Jéssica Moussa e não se desenvolveu como eu gostaria. Minha intenção, nessa entrevista, era conhecer qual o perfil mais procurado pelas empresas para a contratação nas vagas da fábrica e entender qual profissional é mais bem aceito no mercado. Assim, reconhecer se, de fato, existe um preconceito de gênero, raça ou idade nessa seleção. No entanto, Jéssica Moussa não abriu para mim essas questões, respondendo todos os meus questionamentos de forma bem burocrática e na defensiva. Por mais que eu insistisse em questionar pelo assunto, a psicóloga afirmou não haver nenhuma preferência por homens nas indústrias.

Continuando a apuração sobre o assunto, entrei em contato com o Pagu, Núcleo de Estudos de Gênero da Unicamp. Descobri que possuem uma linha de pesquisa específica para Relações de Trabalho, explorando temas como a divisão sexual do trabalho, as mudanças nas relações de gênero ao longo do tempo e formas de inserção ocupacional. No entanto, apesar do meu enorme interesse, o contato foi um pouco difícil de ser feito. Consegui, através da secretaria, os emails dos pesquisadores. Enviei um pedido de entrevista para cada um deles, mas não obtive nenhuma resposta. Tentei telefonar novamente, pedir pelos contatos celulares, mas também não tive nenhum sucesso. Por fim, recebi um retorno e consegui conversar com Angela Araújo, professora doutora da Universidade Estadual de Campinas e pesquisadora do Pagu (Núcleo de Estudos de Gênero).

A conversa com a Professora Angela Araújo durou quase uma hora e foi fundamental para o desenvolvimento da reportagem. Ela me explicou com aprofundamento sobre a divisão sexual do trabalho e me forneceu um panorama histórico da inserção da mulher no mercado de trabalho no Brasil. A Professora Angela foi muito atenciosa e até me recomendou bibliografia que também me ajudou a entender melhor o tema.

Com o decorrer das entrevistas e das pesquisas, fui percebendo que existe uma grande diferença na inserção das mulheres no mercado causado pela discriminação racial e, por isso, eu não poderia deixar esse assunto de lado. Decidi então reservar um espaço especial dentro da reportagem para a discussão dos problemas vividos especificamente pelas negras em seu trabalho.

Já conhecia os textos da doutora em Psicologia Social, Maria Aparecida (Cida) Bento, para Carta Capital, e buscando mais sobre ela tive contato com seus estudos e teses. Cida Bento é atualmente diretora executiva da Ceert (Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade), além de pesquisadora sobre identidade étnica, discriminação no trabalho, ações afirmativas e outros temas relacionados à raça e o trabalho.

Telefonei para a central da Ceert, que fica em São Paulo e, através da assessoria de imprensa, pude agendar uma entrevista com Cida, por telefone. Conversamos durante cerca de 30 minutos sobre a realidade das mulheres negras no Brasil. Cida Bento respondeu a todas as minhas perguntas com bastante objetividade e concentrou grande parte da sua crítica à mídia brasileira como principal incentivadora de preconceito e racismo no nosso país.

Depois de todas essas entrevistas e pesquisas bibliográficas, eu já possuía bagagem suficiente para a primeira reportagem. Faltavam então as informações sobre as mulheres em Joinville, para a segunda reportagem.

Tinha o desejo de inserir um número exato, que explicitasse a quantidade de trabalhadoras na indústria da cidade, em que setores eram maioria e seus rendimentos médios. Achei que fosse conseguir essas informações com órgão de Joinville, como a ACIJ (Associação do Comércio e Indústria de Joinville), Prefeitura Municipal ou Sindicatos. No entanto, essas fontes não possuíam esse levantamento. Fui conseguir esses dados através das pesquisas estaduais, feitas pela Fiesc (Federação das Indústrias de Santa Catarina).

A Fiesc me disponibilizou, por email, todas as informações que eu pedi através de uma tabela em Excel: número de trabalhadores por gênero na indústria de Joinville, número de trabalhadores por gênero em cada setor, quantidade de horas contratadas, tempo de serviço, remuneração total e remuneração por trabalhador.

Tinha também a intenção de fazer esse levantamento por empresa. Escolhi então uma representante de cada um dos principais setores de produção da cidade: Tupy (fundição), Whirlpool (metal-mecânica), Tigre (plásticos) e Dohler (têxtil). Foi aí que, de todo o trabalho, posso dizer que tive a minha maior dificuldade. As quatro empresas demoraram muito para me responder, prometiam as informações em uma data e depois não entregavam, não atendiam ou diziam que iam me atender depois e nunca tinha retorno. Para se ter uma ideia, o primeiro contato com a Dohler foi feito no dia 16 de março, por telefone, com a secretaria da presidência. Depois de muitas cobranças, através de emails e telefonemas, apenas no dia 16 de maio, dois meses depois, tive uma resposta definitiva: eles não iriam ceder as informações por motivos internos.

A Tupy, depois de muita insistência me disponibilizou os dados, também dois meses mais tarde. Com a Whirlpool, tive a mesma dificuldade de contato, mas acabei conseguindo as informações por meio de uma coluna

no Jornal A Notícia, que tratava sobre o assunto. A Tigre também, apesar de me prometer, não me passou as informações.

Portanto, acabei incluindo outras duas empresas no levantamento, para substituir a Dohler e a Tigre, respectivamente: a Lepper e a Krona. Duas empresas menores que as primeiras, mas com representação nacional. Ambas me disponibilizaram rapidamente o que precisava e se colocaram a disposição para o que mais eu precisasse. Me permitiram uma visita à fábrica, para entrevistar funcionárias, fotografar e conhecer o ambiente.

Acredito que esses dados, apesar de serem apenas números, me ajudaram a ter uma visão mais profunda do mercado industrial da cidade. O segundo passo foi entender como essas diferenças aconteciam.

A própria história da cidade trazia grandes explicações. Através da dissertação "Industrialização de Joinville: Da gênese a exportação", da mestre em geografia Isa de Oliveira Rocha, foi possível conhecer seus primórdios fabris e o início do trabalho das mulheres. Essa dissertação serviu como base para a apuração da segunda reportagem e me guiou para diversas outras fontes.

Entre essas outras fontes, a Revista Expressão, de Florianópolis. Descobri que, em 1990, foi publicada uma reportagem sobre a industrialização da cidade que abordava o início dos trabalhos das mulheres. Fiquei muito curiosa para ler a matéria na íntegra. Telefonei para a editora da revista, pedi para que procurassem aquela edição no acervo e me mandassem uma cópia. Foi assim que consegui ter em mãos a reportagem de dez páginas "A forja mágica de Joinville", com revelações interessantíssimas sobre o início das primeiras fábricas e o desenvolvimento industrial.

Durante a apuração, também tive a oportunidade de passar algumas horas no interior das fábricas da Tupy, Krona e Lepper, três grandes

empresas da cidade, sobre as quais exponho na reportagem. Acredito que essa experiência foi definitiva para compreender o dia a dia de trabalho das mulheres. Realmente vivenciei o ambiente, o clima, as relações de convivência e obrigações a serem cumpridas. Percebi, inclusive, que eu não poderia generalizar nenhuma caracterização, pois cada um desses espaços possuía ambientes singulares e bem distintos.

Dentro das fábricas e na conversa com as fontes, o tema assédio era mais do que recorrente. Por isso, através do Portal de Transparência do Governo Federal, fiz um pedido de acesso à informação a casos de assédio moral e sexual em Joinville. Trabalhar com esse recurso foi bem interessante, pois percebi como é fácil apurar por lá dados relevantes e úteis para futuras reportagens. No dia seguinte da minha requisição, recebi um telefonema do Ministério do Trabalho de Joinville. Um funcionário, muito educado, me instruiu a contatar o Ministério Público. Ou seja, na verdade eu havia pedido informações para o órgão errado, mas mesmo assim eles foram solícitos e me ajudaram.

O contato com o Ministério Público do Emprego e Trabalho de Joinville foi feito, inicialmente, por telefone. Pedi ao procurador um levantamento de quantos casos de assédio moral e sexual haviam acontecido na cidade no último ano. Essas informações me foram enviadas por email. Depois, para ter acesso aos processos, fui pessoalmente fazer um cadastro de peticionamento. Assim, depois de me justificar e explicar ao procurador do caso que eu era uma estudante e estava fazendo uma pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso, consegui acesso, completo, a um dos processos de denúncia de assédio sexual em 2014, em uma fábrica em Joinville.

Com o processo em mãos, pude ler e conhecer todas as alegações da denúncia de vítima, o desenrolar da investigação do caso e também a defesa

da empresa que ela trabalhava. Para explorar um pouco mais o assunto, tentei contatar a própria, através do número de telefone disponível no processo. No entanto, o celular não é mais dela e eu não consegui chegar até a fonte.

Por não ter conseguido entrar em contato com a vítima, em conversa com meu orientador, decidimos preservar a sua identidade, usando um nome fictício na reportagem. Afinal, mesmo o caso sendo público e eu tendo o acesso, não significava que todas as informações eram publicáveis.

Para saber mais sobre esse tema, entrevistei o advogado trabalhista Óliver Jander, especialista em casos de assédio moral e sexual no trabalho. A conversa foi bem reveladora e ratificou o que eu já havia percebido através das pesquisas: as denúncias quase nunca geram condenação, pois é bem raro conseguir provas que evidenciam os assédios.

Todo esse processo de apuração, negociação por informações com as empresas e busca por fontes na cidade me deixou bem claro o quanto a sociedade de Joinville é machista e conversadora. As informações conseguidas explicitam as diferenças de inserção, de salário, principalmente, de tratamento dentro da indústria.

4.3 Entrevistas para os perfis

Para conseguir chegar às fontes para os perfis, logo no início do ano, comecei a pedir indicações de amigos, conhecidos e colegas de curso. Escrevi um email me apresentando, contando sobre a reportagem que estava fazendo e pedindo indicações de contatos de mulheres que se encaixariam no com a minha busca. Enviei esse email para diversos colegas jornalistas e conhecidos que trabalham em Joinville e pedi que ele fosse reenviado para o maior número de pessoas possíveis.

Assim, os contatos começaram a surgir. Organizei uma tabela com todos os nomes que recebia, uma prévia de suas histórias, o contato e o status (que fui atualizando conforme o andamento da apuração).

Como recebi diversas indicações, quantidade suficiente para a minha apuração, acreditei que facilmente conseguiria contar diversas histórias. No entanto, ao entrar em contato com as fontes, a situação foi mudando. Algumas mulheres se recusaram a contar suas trajetórias (por desinteresse em participar ou medo de se comprometer) e as situações acabavam se repetindo muito e não rendendo perfis diferentes.

Também tive muito mais facilidade para conseguir contatos de executivas do que de operárias, sendo ideia da reportagem era de abordar as duas situações.

Com as fontes que não moram mais na cidade, fiz a conversa por telefone e por *skype*. Com as que ainda residem em Joinville, fiz questão de marcar um encontro pessoalmente, no próprio ambiente de trabalho ou em suas casas. Tentei ao máximo marcar as entrevistas nos próprios escritórios e fábricas, pois era uma chance maior de sentir o clima, conhecer o ambiente e realmente vivenciar a rotina da trabalhadora.

Minhas entrevistas foram feitas conforme as orientações de Campos (2009). Para ele:

> Nas histórias de vida, antes de mais nada, é preciso conquistar a simpatia do entrevistado. E isto não se faz com meias-verdades, com mentiras, com falsas identidades, com câmeras ocultas ou com qualquer outro expediente escuso. Pelo contrário, para estabelecer uma boa relação com a fonte, o jornalista deve ser honesto, transparente, amigo e companheiro. (CAMPOS, 2009, p. 138).

Campos (2009) também orienta que o entrevistador não apenas preste atenção, mas também mergulhe na mente do entrevistado e pense junto com

ele. Com esse acompanhamento e observação, foi possível relatar as questões e conflitos de gênero intrínsecos ao ambiente industrial.

As entrevistas duraram em média uma hora, algumas mais e outras menos, dependendo da desenvoltura e conforto das fontes. Procurei sempre começar a entrevista de maneira leve, pedindo para que elas me contassem sua trajetória profissional, primeiras experiências de emprego. Aos poucos, ao sentir que elas já depositavam um pouco mais de confiança em mim, começava a fazer perguntas mais sérias, sobre preconceitos, situações de discriminação, momento da maternidade e assédio.

Ao fazer essas questões, eu via o clima da entrevista mudar. Muitas tinham medo, me perguntavam se eu ia realmente escrever sobre aquilo, se eu ia colocar o nome da empresa ou dos envolvidos. Prometi a todas não citar nomes, apenas as situações e, quando pedido, também não colocar o nome da empresa. Essa opção foi feita com objetivo de preservar a integridade das fontes e não comprometer suas carreiras.

Ao contar suas histórias, dilemas pessoais e momentos difíceis, algumas entrevistadas se emocionavam muito e chegavam a chorar. Foram momentos que me marcaram.

As entrevistas presenciais não foram gravadas, pois não senti essa necessidade. Preferi dedicar toda a minha atenção a perceber as reações, expressões corporais e detalhes subjetivos de cada história. Eu levava meu caderno, caneta e ia anotando os pontos principais e falas mais marcantes. Ao chegar em casa, já escrevia em um rascunho tudo que havia sido conversado, para tentar preservar ao máximo os relatos.

Com esses rascunhos, desenvolvi os perfis. A redação desses textos foi feita conforme as entrevistas iam acontecendo. Tentei captar e transmitir a essência e personalidade de cada uma das perfiladas e contar o que há de mais relevante em suas histórias.

4.4 Produção dos textos

Diferentemente de alguns, que preferem iniciar a redação quando toda a apuração já foi finalizada, eu optei por ir escrevendo conforme eu ia fazendo as pesquisas e entrevistas.

Assim como os perfis, que fui construindo ao longo da realização das entrevistas, a primeira e a segunda reportagem também foram feitas da mesma maneira.

O primeiro texto foi justamente a introdução. Demorei para ter uma ideia de como começar a contar a história das mulheres na indústria de Joinville e, um dia, procurando vaga de estacionamento para almoçar no centro da cidade, passei em frente a casa dela: Dona Francisca. Na hora tive a ideia de relacionar de alguma maneira essa mulher, que dá nome a maior rua da cidade e foi dona de todas as terras, às trabalhadoras. Assim, surgiu o texto de introdução, mesclando a história da cidade, de Francisca e de todas as outras mulheres de Joinville.

Para organizar os meus pensamentos, pensei em desenvolver a minha redação por assuntos: histórico mundial, histórico do Brasil, questões de gênero, assédio, racismo, dados de Joinville, empresas, etc.

Assim, ao iniciar, eu ainda não tinha definido exatamente onde cada trecho iria se encaixar, mas, apesar disso, já fui esboçando algumas frases, escolhendo trechos das entrevistas que eu iria colocar e, quando me dei conta, já estava, de fato, com um esqueleto do que seria a minha série de reportagens.

Mais tarde, em conjunto com o meu orientador, decidimos dividir a reportagem em introdução, histórico e desigualdades, mulheres na indústria de Joinville e, por fim, os perfis.

Conforme os textos iam ficando prontos, eu mandava para o meu orientador avaliar e fazer alguns apontamentos. Essas correções me ajudaram a aprofundar um pouco mais as questões e tornar as ideias cada vez mais claras e de fácil entendimento.

Finalizei a redação das reportagens no dia 20 de junho de 2016, com todos os ajustes e correções necessárias. O texto final ficou com 3.821 caracteres na introdução, 15.741 caracteres em “Desigualdade é sinônimo de diferença?”, 13.743 caracteres em “A indústria de Joinville também é feita por elas” e 41.309 caracteres de todos os perfis. Portanto, a reportagem ficou com o total de 74.614 caracteres, distribuídos por 36 páginas em forma de revista

4.5 Diagramação e edição

Desde o início do projeto eu já sabia que queria me dedicar também a essa parte, pois sempre me interessei muito pelas aulas de Editoração Eletrônica e Planejamento Gráfico e gosto de diagramar.

Resolvi apresentar a reportagem em forma de revista, pois acredito que é uma maneira confortável de se ler os textos e me permitiu também usar as fotos que fiz durante as entrevistas e visitas às fábricas.

A avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso deve ser feita com base na redação e edição. Mesmo assim, para facilitar a leitura e avaliação da banca examinadora, optei por diagramar e ilustrar com fotos. Assim também foi possível deixar a reportagem mais parecida com uma publicação de revista e aproximar os personagens dos leitores.

Usei a câmera D200 do Laboratório de Fotojornalismo da UFSC para fazer quase todas as imagens que ilustram o material. As outras fotos, que não foram feitas por mim, foram cedidas pelas próprias fontes. Todas as

fotos foram tratadas com Photoshop CS5, para ficarem em boa qualidade e com um padrão de iluminação adequado.

Para a criação do projeto gráfico e diagramação da revista, usei o software InDesign. Comecei criando a capa, pois era a partir da fonte do título e cores usadas que eu iria definir os elementos das outras páginas.

Na capa, usei a fonte *Verdana* no título e optei por um tom de vermelho bordô, que mantive por toda a publicação para garantir uma unidade e identidade visual.

A edição dos títulos, linhas finas, olhos e legendas também feita por mim, ao mesmo tempo em que fazia a diagramação.

Para ter uma diferenciação visual entre as reportagens e os perfis, decidi manter padrões de diagramação diferentes em cada uma das partes. Para a introdução "Príncipes, flores e trabalhadoras" e reportagens "Diferença é sinônimo de desigualdade?" e "A indústria de Joinville também é feita por elas", usei mais cores, mantendo as fotos coloridas, títulos em verde, vermelho e azul e uma margem menor, mais tradicional. Já para a parte "8 mulheres da indústria", onde reúno os oito perfis, optei por não usar cores, mantendo somente o bordô e usando o cinza de fundo para destacá-los dos outros textos. As fotos, como eram muito diferentes, foram todas padronizadas em preto e branco, para garantir a unidade do material.

Nas páginas internas, três fontes diferentes foram utilizadas. Para o título da reportagem e das retrancas foi usada a fonte *Lato*. Para o abre das matérias, a fonte escolhida foi *Eras Light*. Nos olhos-detalhes e citações, usei a fonte *Gautami*, em tamanho 14. O corpo do texto está em *Arial* tamanho 9.

5 IMPRESSÃO

Antes de fazer a impressão final, fiz uma versão de teste, em preto e branco, pra corrigir os últimos detalhes. Para isso, pedi ajuda de familiares e amigos, que me avisaram de erros de pontuação e separação de palavras.

Depois disso, pude fazer a impressão final. O serviço foi feito pela gráfica expressa "Pronto!", de Joinville. A capa foi feita em *couché* 210g e o miolo em 150g. O formato aberto é em A3 e o fechado em A4, com acabamento em dobra e grampo. O valor da impressão de cada exemplar da revista ficou em R$ 75,00.

6 DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Durante a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso, a maior dificuldade que tive, como já citei aqui, foi lidar com as empresas de Joinville. Percebi que os empresários, normalmente, na defensiva, dificultavam as informações, provavelmente temendo que a reportagem levantasse casos que os comprometessem.

Por conta disso, acabei mudando as empresas que, primeiramente, tinha escolhido analisar. Com isso, aprendi que nem sempre o que planejamos vai acontecer exatamente como esperamos e, melhor do que ficar insistindo em algo que está dando errado, uma boa solução é mudar os planos.

Essa flexibilidade me permitiu entrar em contato com outras empresas, que aceitaram participar e me fornecer informações e, dessa maneira, consegui atingir o meu objetivo de analisar quatro empresas da cidade, uma de cada área de produção.

As entrevistas com especialistas foram, em sua maioria, muito proveitosas. Consegui conversar com pesquisadores bem relevantes do Brasil e, com isso, aprendi que nunca devemos subestimar a nossa

reportagem. Percebi que vale a pena tentar entrevistar personalidades importantes, pois o máximo que eu posso conseguir como resposta é um "não". Mas, como também tenho chances de receber um "sim", a tentativa é muito válida.

Outro aprendizado que me marcou foi a relevância do telefonema. Na verdade, eu já havia percebido isso durante a produção de reportagens para a graduação e para o estágio, mas, durante essa reportagem de Trabalho de Conclusão de Curso, isso ficou ainda mais evidente. Apesar de vivermos em uma sociedade que valoriza as tecnologias, um e-mail vale muito menos que um telefonema. Na maioria das vezes que tentei entrar em contato com as fontes através de e-mails, não obtive sucesso ou o retorno foi muito demorado. Usando o telefonema, temos respostas imediatas e parece até que as fontes dão mais importância e prestam mais atenção no repórter.

Algumas entrevistas para os perfis também me ensinaram a lidar com as emoções das fontes. Cito uma delas, Ruth Schwanke. Ela me recebeu em sua casa para uma conversa e se emocionou, diversas vezes, ao me contar a sua história. Tive que acalmá-la, mostrar apoio emocional e até ser "um pouco psicóloga" para lidar com essa situação. Momentos assim me fazem ter em mente que precisamos enxergar, respeitar e valorizar as nossas fontes como pessoas.

Após praticamente um ano de dedicação, trabalho e organização, hoje termino meu TCC muito feliz com o resultado que alcancei. Atingi os objetivos que me propus e consegui escrever a maior reportagem, em apuração, número de entrevistas e tamanho de texto, de toda a minha graduação. Vejo que realizei uma pesquisa densa, consegui uma base sólida sobre o assunto e encontrei histórias marcantes.

Acredito que o leitor, ao terminar de ler a reportagem, terá um novo olhar sobre a participação da mulher na indústria de Joinville e todos

os desafios e preconceitos de gênero que ainda existem no mercado. Creio também que a minha reportagem pode ser uma ferramenta social para exigirmos melhores condições de trabalho e recursos que possibilitem uma igualdade maior nas relações.

7 REFERÊNCIAS

ABRAMO, Lais Wendel. **A inserção da mulher no mercado de trabalho:** Uma força secundária? Tese (Programa de Doutorado em Sociologia)**.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

ARAUJO, Luis César G. de. **As mulheres no controle do mundo– elas têm influência em todas as esferas, da política à comunicação.** Forbes Brasil, São Paulo, set. 2004.

BAIN & COMPANY, [s.l.] 2013. Disponível em: <http://www.bain.com/offices/saopaulo/pt/press/bain-and-company-revela-razoes-pelas-quais-mulheres-brasileiras-nao-chegam-a-lideranca-de-empresas.aspx>. Acesso em 05 out. 2015.

BRUM, Eliane. **O olho da rua.** São Paulo: Editora Globo, 2013.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cad. Pesqui.**, 2007, vol.37, no.132. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0337132.pdf >

CAMPOS, Pedro Celso. Gêneros do Jornalismo e Técnicas de entrevista. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Santa Catarina: UFSC, 2009. Disponível em<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p127/10422> Acesso em 05 out. 2015.

DIEESE. **A inserção da mulher no mercado de trabalho**, [s.l.] 2013. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analiseped/2013/2013pedmulhermet.pdf>. Acesso em 05 out. 2015.

FÁBIO, André Cabette. Dois séculos separam mulheres e homens da igualdade no Brasil. **Folha de São Paulo**, 29 set. 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/asmais/2015/09/1675183-no-ritmo-atual-

fim-da-desigualdade-entre-homens-e-mulheres-demoraria-240-anos.shtml>. Acesso em 05 out. 2015.

IBGE. **Algumas características da inserção das mulheres no mercado de trabalho**, [s.l.] 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_mulher/Suplemento_Mulher_2008.pdf>. Acesso em 05 out. 2015.

IJUIM, Jorge. **Humanização e desumanização no jornalismo**: algumas saídas. 2014, Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/ijuim-jorge-2014-humanizacao-desumanizacao-jornalismo.pdf>. Acesso em 14 jun. 2016.

ITAMARATY, 2015. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=134&catid=100&Itemid=433&lang=pt-BR>. Acesso em 11 de mai. 2016.

MARQUES, E. K.; GALEAZZI, I. M. S.; TONI, M.; KRELING, N. H. Novos arranjos familiares: ampliação da inserção laboral feminina e seus impactos sobre a renda das famílias. In: FEE – Fundação de Economia e Estatística. **Mulher e Trabalho.** Porto Alegre: FEE, FGTAS/SINE, V5. 2005.

MEDINA, Cremilda; LEANDRO, Paulo Roberto. **A arte de tecer o presente.** São Paulo: Média, 1973.

MÉNDEZ, Natalia Pietra. **Discursos e práticas do movimento feminista em Porto Alegre** (1975-1982). Porto Alegre: PPGH/UFRGS, 2005.

MONTIPÓ, Criselli e FARAH, Ângela. **Relato humanizado no jornalismo:** a importância da humanização na narrativa para um jornalismo transformador. 2009, União da Vitória. Centro Universitário de União da Vitória. Disponível em <http://www.unicentro.br/redemc/2009/74%20relato%20montipo%20farah%20OK.pdf>

PERINI BUSINESS PARK. **Joinville em dados**.Joinville, 2014.Disponível em: <http://www.youblisher.com/p/899383-JOINVILLE-EM-DADOS-2014> Acesso em 05 out. 2015.

SALLER, Moreira; MITCHEL, Joseph. **O segredo de Joe Gould**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

STEIN, Maria de L. T. **Trabalho feminino no setor eletroeletrônico de Curitiba**. In. DALLA COSTA, Armando

VILAS BOAS, Sérgio. A arte do perfil. **Revista Especial Biblioteca Entrelivros**, agosto de 2008.

8 BIBLIOGRAFIA

A Forja Mágica de Joinville. **Revista Expressão,** v1 n3. Florianópolis, 1990.

ARAUJO, Angela Maria Carneiro. Apresentação. **Cad. Pagu**, Campinas , n. 17-18, p. 131-138, 2002 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332002000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 Jun 2016.

ARAÚJO, Angela Maria Carneiro; LOMBARDI, Maria Rosa**. Trabalho informal, gênero e raça no Brasil do início do século XXI.** Cadernos de Pesquisa, v. 43, n. 149, p. 452-477, 2013. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/2660>. Acesso em 08 Jun 2016

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Raça e Gênero no Mercado de Trabalho.** Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/outraspub/trabalhogenero/TG_p295a307.pdf>. Acesso em 08 Jun 2016

CASTRO, A.B., SOUZA, F.E.P..**A economia brasileira em marcha forçada**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

FONSECA, Eder. "O racismo é forte no Brasil". **PANORAMA MERCANTIL**, 2015. Disponível em: <http://www.panoramamercantil.com.br/o-racismo-e-forte-no-brasil-cida-bento-doutora-em-psicologia-social-e-co-fundadora-do-ceert/>. Acesso em 08 Jun 2016

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho.** Cadernos de pesquisa, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp /v37n132/a0537132>. Acesso em 08 Jun 2016.

IPEA. **Mulheres e Trabalho**: Breve análise do período 2004-2014, 2016. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/160309_nt_24_mulher_trabalho_marco_2016.pdf>. Acesso em 08 Jun 2016

MAMIGONIAN, Armen. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau.In: **Revista Brasileira de geografia**. Rio de Janeiro, 1965.

MTE. **Assédio Moral e Sexual no Trabalho**, 2009. Disponível em: <http://www.eln.gov.br/opencms/export/sites/eletronorte/ouvidoria/assedioMoral.pdf>. Acesso em 08 Jun 2016

MTPS. **Mulheres são as principais vítimas de assédio moral e sexual no ambiente de trabalho**, 2016. Disponível em: <http://www.mtps.gov.br/noticias/3093-mulheres-sao-as-principais-vitimas-de-assedio-moral-e-sexual-no-ambiente-de-trabalho>. Acesso em 08 Jun 2016

PENA, Maria Valéria Junho. **Mulheres e trabalhadoras**: Presença Feminina na Constituição do Sistema Fabril. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981.

PRADO, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo, Editora Brasiliense, 2006.

ROCHA, Isa de Oliveira. **Industrialização de Joinville (SC):** da gênese as exportações. 1994, Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina.

SCRIVANO, Roberta. Negros e mulheres ocupam menos de 20% dos cargos altos das empresas. **CEERT**, 2016. Disponível em: <http://www.ceert.org.br/noticias/genero-mulher/11549/negros-e-mulheres-ocupam-menos-de-20-dos-cargos-altos-das-empresas>. Acesso em 08 Jun. 2016